

RAÍZES E FRONTEIRAS



Nossa vida era o rio Xingu

Ana Laíde

Olá você que está nos ouvindo! É um prazer enorme falar com vocês

Eu sou a Ana Laíde Barbosa e te convido a embarcar rumo à Amazônia e conhecer a vida das pessoas que aqui possuem raízes e enfrentam as fronteiras que limitam o bem viver.

Música de Abertura	
Ana Laíde	<p>Este é o Raízes e Fronteiras e no primeiro episódio você ouve sobre os laços do povo da Volta Grande com o rio Xingu.</p> <p>E estas povos foram impactadas com a construção da hidrelétrica de Belo Monte e são agora ameaçadas com a instalação da mineradora canadense Belo Sun, que pretende explorar o ouro da região.</p>
Mulher	<p>Desde que essa hidrelétrica, a Belo Monte entrou, Acabou com a vida da gente. Acabou com a nossa água, acabou com nosso Xingu, hoje nós veve quase bebeno lama. Onde a gente mora, as plantação estão tudo morrendo</p>
	<p>A Volta Grande do Xingu fica há cerca de 800 quilômetros de Belém, a capital do Pará.</p> <p>Com uma extensão de 130 quilômetros, passa pelos municípios de Altamira, Senador José Porfírio, Vitória do Xingu e Anapu.</p> <p>É uma área rica em fauna, flora e minérios. E é também o lar de 23 comunidades, de pescadores, ribeirinhos, agricultores, além de povos indígenas aldeados e não aldeados.</p>
Homem	<p>Eu sou um pescador profissional. Hoje nós não vivemos mais do rio porque o rio morreu. E nós não dependemos mais dele porque não tem mais peixe, o peixe de lá acabou. Só tem só sequidão</p>
Ana Laíde	<p>Ainda que sob protestos das comunidades locais e defensores do meio ambiente do Brasil e do mundo contrários à instalação da usina, a construção da hidrelétrica de Belo Monte ocorreu entre 2011 e 2019.</p> <p>Cravada no coração amazônico, a segunda maior hidrelétrica do Brasil custou cerca de 40 bilhões de reais e gera pouca energia.</p> <p>Embora tenha capacidade instalada de 11 mil megawats, a</p>

	<p>energia firme é de 40%.</p> <p>Para se ter uma ideia do fiasco financeiro de Belo Monte, vamos comparar com Itaipu: a maior usina do país tem 14 mil megawats instalado, mas a energia que pode de fato ser gerada é de 61%.</p> <p>A exploração dos recursos hidráulicos e o barramento do Rio Xingu para a geração de energia afeta diretamente as comunidades:</p>
Homem 2	<p>Moro na comunidade do Bambu e eu sou ribeirinho, pescador, lá tá uma situação precária lá. O rio tá seco, não tem como nós sobreviver deste rio porque o rio está seco, está secando. Não tem comprador de peixe pra nós. Porque não tem comprador de peixe? porque a água está seca e não tem mais peixe.</p>
Ana Laíde	<p>A chegada da hidrelétrica de Belo Monte trouxe também a divisão das comunidades indígenas.</p> <p>Expulsou pequenos agricultores de suas terras, ribeirinhos de suas ilhas e da margem do rio, e dos baixões, que ficavam às margens dos igarapés da cidade.</p> <p>No total foram mais de 4 mil pessoas que tiveram de deixar suas casas para morar nos reassentamentos coletivos, chamados rucs,</p>
Homem	<p>Hoje tá uma dificuldade muito grande, a gente desce pra banhar no rio e sai todo pirento. Não tem mais aquela água potável que a água desce rio Xingu era potável pra nós, hoje não é mais, não existe mais. Existe dor dentro de nós. por causa do que a Norte Energia fez com nós.</p>
Ana Laíde	<p>A Norte Energia controla a geração de energia do rio Xingu no trecho da Volta Grande. E agora a mineradora canadense Belo Sun quer explorar o ouro ali existente.</p> <p>Com a possível operação da mineradora Belo Sun, será decretada a morte das vidas neste território onde há centenas de anos, povos viveram do extrativismo, pesca e a agricultura, da coleta de sementes, práticas que conservam a natureza: .</p>
Homem 2	<p>Nós não sabe viver em outro canto porque jogar pra cidade?</p>

	O pescador que é pescador tem que morar na beira do rio. Ele sabe pescar, sabe se virar.
Ana Laíde	<p>Uma das características de povos tradicionais é o amor pelo lugar onde vivem, na floresta, próximo do rio; da maneira natural de se alimentar, do plantar ao colher.</p> <p>Ser obrigado a sair do lugar onde sempre se viveu é arrancar parte da existência destas pessoas. E mesmo com o rio doente, ribeirinhos, pescadores e extrativistas, conservam a esperança de que o rio se recupere:</p>
som de rio	
Mulher 2	<p>Porque eu tenho esperança que o Rio Xingu volte a viver, a se reproduzir, as nossas piracemas. Eu sei que ele não vai voltar ao que era, mas que ele teja água, água pra todo mundo, trafegar, banhar. é até assim meio ruim de falar sobre um ser vivo que nos alimentou por tanto tempo estar nessas condições. Triste, decadente pra cada um de nós pescadores, ribeirinhos, povos tradicionais, índios. O rio morre e a gente também vai morrendo aos poucos. Porque o rio era nossa alegria, nossa vida. O rio tá doente, todos que dependem dele também estão doentes</p>
Música de Encerramento	
Ana Laíde	<p>A produção de Raízes e Fronteiras é da Universidade de Istrathclaide em parceria com a Rede Social de Justiça e Direitos Humanos.</p> <p>Agradecemos a todas e todos que participaram neste episódio.</p> <p>Na próxima semana a gente se encontra para falar sobre os impactos da cadeia de alumínio nas comunidades no Pará.</p>